

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção — João Pereira da Silva Correia
Editor — Anibal Beleza Ferraz

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123 — BARCELOS

FOI RECENTEMENTE publicado em Paris um livro elucidativo e duma terrível eloquência sobre os bastidores da G. P. U. Chama-se «Os Senhores da Tcheka» e é seu autor Roman Goul.

Será difícil imaginar mais hedionda galeria que a constituída pelos perfis dos carrascos comunistas: Dzerjinski, Menjinski, Yagoda, Ejoj, Peters, Agabekof, Bela-Khun, etc., todos tarados, todos disformes, todos animados duma sombria fúria sanguinária, da raiva de matar e de torturar.

Um comentador lúcido observa a propósito, que da teitura do livro alucinante de Roman Goul ressalta com nitidez que a aventura soviética não foi senão a conquista do poder por homens doentes «que deviam estar em casas de saúde e não no Kremlin».

Léon Degrelle, o ardente chefe do rexismo belga, confessou a alguém que o que mais o impressiona, quando vai a comícios comunistas onde é permitida a controvérsia, é a enorme percentagem de degenerados que é na assistência. «Não é possível querer mal a essa gente — observava Degrelle. São doentes, homens que foram atraídos pelo comunismo porque a natureza lhes foi ma-drastra».

É entre essa pobre humanidade estropiada de corpo e alma que o bolchevismo encontra os seus instrumentos mais dóceis e mais ferozes. Quando esses homens conseguem dispôr do poder, a sua natureza dementada leva-os à prática dos mais odiosos crimes. Talvez a anormalidade física de muitos dos governantes soviéticos ajude a explicar as hecatombes monstruosas provocadas pelo comunismo, essas hecatombes que, desde 1917, se sucedem ininterruptamente no antigo império dos czares. Durante todo o ano de 1913, quando reinava sobre a Rússia o «tirano» Nicolau II, verificaram-se apenas, em todo o país, vinte e cinco execuções capitais. Comparados com os morticínios soviéticos, esses vinte e cinco cadáveres de criminosos são como uma gota num oceano...

QUANDO um bando de aventureiros conquistou o poder na Rússia, com o objectivo de pôr em prática as ideias de Marx (alias Mardoqueo), as nações, instintivamente, organizaram a frente defensiva contra a peste vermelha. Em Moscovo, foram, a pouco e pouco, abandonando as doutrinas comunistas e começaram uma política de aproximação das nações ocidentais. Os dirigentes soviéticos viram coroados de êxito os seus esforços, com a assinatura do pacto entre a França e a U. R. S. S. e com a organização virtual da frente democrática contra os países chamados fascistas.

Essa situação equívoca da frente democrática, com a União Soviética nela incluída, acabou porém agora, graças a Chamberlain que conseguiu aplanar certas dificuldades para um entendimento das quatro grandes potências e lançar as bases para a frente burguesa anti-comunista. Assim, todas as Nações ocidentais tem a ganhar, sendo apenas prejudicada a União Soviética e mais a sua sucursal de Barcelona.

Para avaliar o êxito e o valor da política de Chamberlain, basta lançar uma vista de olhos pelos jornais soviéticos ou estipendiados pelo ouro russo.

Impressões e contrastes

O acaso levou o comentador dos factos, que estas linhas escreve, a pequena terra provinciana, mais pequena e mais provinciana ainda do que o nosso querido Barcelos.

Como sempre, achou confirmação de que razão tinha Salazar, ao dizer à nova Comissão Executiva da União Nacional que muito tem que trabalhar em doutrinação.

Na verdade estamos padecendo as conseqüências de imperfeita preparação dos dirigentes ou influentes das várias terras para o trabalho dentro da nova ordem nacional corporativa.

Ser demo-liberal é fácil, e mais ainda no sentido prático da realização de tais ideias.

Mas ter sobre o espírito a influência morbida de dezenas de anos, de hábitos criados como bons, e ter de repelir-os de repudiá-os como péssimos, para os substituir por outros perfeitamente antagónicos, é obra que só pode conseguir-se à força de reflexão, de estudo servidos com inteligência.

Só depois de ter o espírito conquistado pela doutrina é possível, para a doutrina conquistar o espírito dos outros.

Mas pondo de parte, embora com dificuldade este aspecto do problema nacional que a observação das pequenas autarquias nos revela, se atendermos, apenas, ao mais superficial, a impressão colhida na pequena terra provinciana, mais pequena e mais provinciana ainda do que Barcelos, satisfaz-nos como português, embora possa entristecer-nos como barcelense, pela comparação.

Benefício da Ordem Nova, logo vimos como maior, o do banimento das competições eleitorais ou eleições, que, por força superior, impunham, pelo menos periodicamente, divisões e antagonismos locais.

E' certo que ainda há inadaptados que não podem desprender-se de velhos hábitos, malbaratando esforços no sentido da reunião da força eleitoral condenada a eterna hipótese.

Por isso como não há agente externo que venha dividir, dá-se a união daqueles que por natureza estão unidos entre só e à mesma terra.

A preponderância é exercida sem sentido progressivo, de patente utilidade e benefício para o comum.

Todos beneficiam e, convenientemente, todos estão satisfeitos e são os primeiros propagandistas de estabilidade, o que outorgam a necessária confiança, e não somente de forma passiva, pois de forma activa prestam toda a colaboração que lhes seja requerida.

Milagre se vê não ter sido, e não sei, que tal se tenha conseguido. Ninguém se sente frio do seu lugar proprio, antes cada um vê como a sua categoria não é especial e é respeitado, e como, nas horas próprias, é chamado a ocupar o posto que de direito.

Justos melindres, que são respeitabilissimo amor próprio, conceito de dignidade própria, nunca encontraram aresta que possa feri-los, antes, pelo contrário notam se especial cuidado em dar cada um o que é seu.

Por isso a terra oferece exemplo, cuja observação merece especial referência.

J. P.

DIVERSAS causas têm sido apontadas para explicar ou justificar a derrota dos vermelhos espanhóis. Sem querermos desprezar o factor material bélico, a disciplina e o treino militar, a habilidade do estado maior, parece-nos que o que mais poderosamente influe para a vitória dum movimento revolucionário é a consciência política dos combatentes, quero dizer a convicção por parte dos que lutam, que sacrificam a sua vida para salvar o seu país, para implantar um regime melhor.

Até certa data, contaram os comunistas e outros partidos das esquerdas com combatentes decididos a morrer, em defesa daquilo que, erradamente, consideravam ser a melhor forma do governo e organização social. Mas, depois da falência da experiência russa, perderam as massas fé na terapêutica socializante, para o mal económico. Viram que a droga só piorava o estado do doente.

Em Espanha, vê-se nitidamente a diferença entre mercenários ou combatentes forçados e os que combatem com fé. Sem a convicção na justiça da causa, não seriam possíveis tantos heroísmos das tropas espanholas!

JORGE DIMITROF, o célebre secretário geral do partido internacional comunista, num artigo publicado na «Pravda», de 18 de Julho, sobre a guerra entre comunistas e fascistas em Espanha, acusa o antigo presidente de Conselho de Ministros do Governo de Barcelona, Largo Caballero, de traição e de se mancomunar com os anarquistas e «bandidos trotsquistas» para ferir a revolução bolchevista pelas costas, secundando assim o ataque do general Franco. Os visados já devem calcular o que os espera, se o desgoverno de Barcelona tem tempo para respirar e ocupar-se daquilo que eles chamam a limpeza na rectaguarda. Ao Largo Caballero não caberá uma sorte melhor que a de Zinovief, Kamenef ou Boukharine.

Fuzilados os conservadores e burgueses, passaram as esquerdas republicanas a serem vítimas do terror vermelho em Espanha. Agora, nem os socialistas e outros agrupamentos das esquerdas escapam. Quem não fôr cem por cento estalinista, para poder viver na Espanha tem de ser cem por cento subserviente perante as exigências comunistas, como o são Azaña e Negrin.

ESTÃO organizando em Moscovo um quarto processo contra os anti-estalinistas acusados de traír a Pátria. Figura, entre os acusados, o sábio economista Ossinsky que chefiou a delegação de homens de ciência da União Soviética, que visitou Paris em 1936. Realizou também, nessa cidade, algumas conferências. Era, ainda há pouco tempo, considerado pela imprensa comunista como um dos luminares da ciência marxista. Hoje, passou a ser um vendido a Hitler.

Escreveu alguém que foi Lenine que deu o golpe de misericórdia no marxismo e que Estaline seria o seu covreiro. De facto, foi o primeiro, com o seu «comunismo de guerra», quem deu ao mundo a ideia de uma sociedade cem por cento comunista. Viu-se, então, como o comunismo reduzia a zero a produção nacional porque o operário, em vez de trabalhar, discutia, fazia retroceder a humanidade aos tempos primitivos da selva, originava fome porque o camponês só produzia para o seu sustento... Foi o próprio Lenine que reconheceu a falência do comunismo, quando o abandonou com a introdução da nova política económica, designada pela abreviatura de «nep».

Agora, Estaline acaba a obra do primeiro fuzilando os comunistas. Dos antigos membros do partido comunista, parece que restam só dois: êle próprio e o inofensivo e desconhecido Presidente da U. R. S. S.

OKOMINTERN não descansa. Neste momento trata de intensificar a sua acção nefasta nos Estados Unidos, aproveitando-se da onda de frenesim «anti-fascista» que certa imprensa lá soube criar e do «snobismo» comunizante que atacou muitos dos sectores intelectuais.

Vejam-se, para exemplo e como sintoma, os resultados de um inquérito realizado por uma comissão nomeada para o efeito pelo Congresso do Estado de Massachusetts:

1.º — Os chefes comunistas esforçam-se por exercer influência decisiva sobre a direcção da C. I. O., organização sindical dirigida pelo famoso Lewis. Grande número de funcionários dos sindicatos, filiados na C. I. O., são notórios estalinianos.

2.º — Os comunistas deram já instruções sobre a conduta a seguir «em caso de momento decisivo na crise revolucionária». Entre essas instruções é de notar a seguinte: desarmamento de todo e qualquer espírito de resistência por parte da população americana e desarmamento efectivo de todos os postos susceptíveis de oferecer resistência. Criação da «policia vermelha», armada com metralhadoras e carros blindados.

3.º — Grande número de personalidades eminentes, como o Senador Frazier e vários professores universitários, inscreveram-se no «Livro de Ouro da Amizade Americana», entregue ao Presidente da União Soviética.

4.º — Os comunistas declaram luta aberta ao Fascismo, mas tem o cuidado de confessar que o bolchevismo procura reduzir à escravidão o povo americano. Aqui tem. Por este caminho, os cândidos «Yankees» vão ter a desagradável surpresa de lhes estalar de repente a castanha soviética na bôca. E, quando sentirem o amargo do seu gosto, hão-de verificar que é pouco prudente brincar com o fogo.

NOTAS DE LISBOA

1 DE AGOSTO

Pelos jornais se tem visto que a viagem do sr. Presidente da República, do Funchal a S. Tomé, de S. Tomé à foz do Zaire, e da foz do Zaire a Luanda, onde ontem chegou o sr. General Carmona, foi, na verdade, um triunfo para a política imperial do Estado Novo.

Verificámos que os portugueses daquelas paragens são solidários com a causa da pátria comum, representada na pessoa do venerando Chefe do Estado, a quem, entre loucaínhas e galas vistosas de manifestações festivas, suberam testemunhar, até com grandeza, o afecto de governados agradecidos à obra eminentemente nacional da nossa Revolução.

O próprio Chefe do Estado, em telegramas que enviou a Salazar, exprimiu a sua satisfação, e a quasi admiração de tão estreita solidariedade haver já, e de a sentir, no entusiasmo daqueles portugueses, ainda há poucos anos quem sabe se frios ou hostis ao Estado Novo.

Eis porque não podemos deixar de considerar triunfante no seu objectivo a viagem do sr. Presidente da República, e de reverter o seu triunfo para a política imperial do Estado Novo, da qual esperavamos união cada vez mais estreita entre todos os domínios do nosso Império.

Está união, sôbre ser um imperativo da unidade nacional, só ela fará a força que quebre os dentes às cobiças de estranhos...

Os pais dos alunos do Liceu Pedro Nunes pediram ao sr. Ministro da Educação Nacional que regulamentasse a entrada de rapazes e raparigas de menos de dezasseis anos, nos cinemas, no sentido de se lhes darem espectáculos adequados à sua idade, e com fins educativos.

Bem andaram aqueles pais; e da decisão do Ministro esperamos que alguma coisa se faça, em tão delicada matéria, satisfazendo um pedido por demais oportuno—pois tóda a gente sabe o que são os nossos teatros e cinemas, transformados há muito em escolas do vício e do crime.

Já que ainda se não deixou de contentar com a ganância dos empresários, salvem-se ao menos as crianças, de espectáculos que nem para adultos se aconselham; e dêem-se-lhes os que apropriados são à inocência dos seus corações, e à formação das suas almas. Nem de outra maneira sabemos como é que, querendo ser coerentes, nas escolas se ensina moral, e fora delas se não tolhe a liberdade dos que, sem moral nenhuma, fazem à vontade propaganda da imoralidade mais completa.

Satisfazendo sugestões que lhe fizeram, o Governo acaba de publicar um decreto, pelo qual homologará os pedidos que as Câmaras lhe façam, acerca do lançamento de derramas especiais, para o custeio de obras de interesse e proveito para as povoações do nosso meio rural, com as quais se procura, ao mesmo tempo, acudir à crise de trabalho—objectivo final desta nova providência de carácter social.

A condição que o Governo pôs, para autorizar e homologar as ditas derramas, foi que os pedidos fôsem precedidos de deliberação dos proprietários rústicos—de-certo para neles se não exercer coacção, que, quando menos, seria contraproducente.

Havendo exemplos de alguns dos tais proprietários, que espontaneamente cumprem os seus deveres de justiça social, esperemos que os outros reconsiderem e facilitem com a sua ajuda, que não se lhes exige à ponta de espada, o minorar a sorte dos trabalhadores,

Triunfo da razão

Vem o tempo dando razão à nossa atitude política nas relações e problemas internacionais; nem outra havia o seguir desde que se atendessem como se devia, ao brio, aos superiores interesses e integridade da Nação.

E' o conflito espanhol dos primeiros problemas que interessam a Portugal pelas próprias condições geográficas e naturais, pela essência ou origem que o determina e pelas consequências que pode provocar.

Portugal manteve a sua tradição de lealdade, apreciou com serenidade e justo critério o assunto e traçou um caminho conforme com aquêles princípios imutáveis da moral social e com a doutrina que desde a nossa origem nos assegurou a independência e a integridade. Nem sempre foi bem compreendida a atitude de Portugal, que não podia ser outra por justiça e por defeza própria. Bastaria recordar a infame conspiração contra Portugal urdida em Espanha por maus portugueses aliados com os extremistas espanhóis, que se não sabiam amar e respeitar a própria pátria, muito menos consideração poderiam ter pela nossa.

O movimento revolucionário em Espanha é evidentemente, e já ninguém o contesta ou discute,—a luta das reacções nacionalistas contra a política dissolvente democrática que

imbecil ou traiçoeiramente abria as portas à invasão russa. Portugal não quere, nem pode ser uma colónia da Rússia vermelha. E que desgraça para o mundo se Portugal não seguisse esta norma que lhe impõe a sua dignidade, o seu passado e a defeza da sua existência livre e independente.

Nenhuma nação que queira ordem, paz e possibilidades de desenvolvimento poderia com inteligência e critério de justiça desejar que Portugal tomasse uma atitude contrária. Só os inimigos ou os aliados do comunismo russo o poderiam desejar. Mais ninguém. Os boatos e os comentários facciosos dêesses inimigos auxiliados pelos rancorosos políticos, que se não conformam com o facto de lhes ser impossível continuar como donos do país, tentaram obscurecer a amizade indestrutível da Inglaterra e Portugal, baseada em séculos de cooperação e de interesse comum.

A nossa grande aliada, vem, contudo, desmentir com factos, com apreiações e notícias da sua melhor imprensa todos os boatos e comentários que negavam as nossas melhores e mais cordeais relações. Assim se demonstra que a Inglaterra nos vem dando razão à nossa política de defeza, que ela só deseja confirmar e fortalecer.

COLÉGIO ALCAIDES DE FARIA

LARGO DO BEMFEITO — BARCELOS

EXAME DE ADMISSÃO AO LICEU

1.º ANO ATÉ AO 7.º ANO

6.º ANO—Os alunos do 6.º ano dêste colégio obtiveram os melhores resultados de entre todos os alunos externos que fizeram exame no liceu de Braga.

7.º ANO—Êste curso será regido com um cuidado especial e quasi se podem garantir os resultados.

O DIRECTOR,

Viriato Lusitano Alves Ferreira

EM LEÇA

A frequentarem o curso para comandante de castelo, encontram-se acampados em Leça, desde o princípio dêste mês, os filiados da Mocidade Portuguesa, estudantes desta cidade, snrs.: Antonio Araujo, Armindo Miranda, Fernando Magalhães, Henrique Vaz e Jorge Maciel Barreto de Faria.

—Segundo também nos informam, nêsse mesmo curso, encontra-se como instrutor-ajudante, o comandante de castelo, estudante desta cidade, sr. António Landolt de Sousa.

nas duras e dolorosas horas de falta de trabalho.

Esqueçiamo-nos de dizer que o Estado, nas obras referidas, entra com metade do seu custeio, além de, quando haja urgência na sua execução, reduzir ao mínimo as formalidades para a comparticipação requerida.

A. da F.

UM PLANO EM MARCHA

Na Administração Geral dos C. T. e T. recebemos um interessante cartaz de propaganda a respeito da inauguração do novo edificio dos correios de Alcobaca.

Nêsse sugestivo cartaz, anuncia o plano em marcha, de 100 edificios no valor de 66,5 milhões de escudos, a construir no prazo de 5 anos.

A estação de Alcobaca inaugurada no último domingo, foi a primeira realização dêsse grande plano de ressurgimento dos serviços dos C. T. T., de Portugal.

—A nós, contenta-nos o facto de vermos a nossa terra no plano das realizações.

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

NOTAS DE LISBOA

8 DE AGOSTO

Vão construir-se até 1940, mais duas mil casas económicas, nesta cidade; e os chamados *bairros de latas* ainda êste ano serão substituídos por mil casas desmontáveis, construídas de fibro cimento e madeira.

Nos considerando do decreto das Obras Públicas, que a estas casas se refere, declara-se que o Governo manterá o nosso sistema de construção de casas económicas, sistema de *morádias de familia*, em casa própria, entre pais e filhos, como um património inalienável do lar. As razões são que, felizmente, as familias que já habitam essas morádias se sentem satisfeitas com a sua casinha higiênica e confortável, sua propriedade que, entre pobres, é, na verdade, uma riqueza que, não faltando aos pais, não faltará também aos filhos.

Salazar viu perfeitamente até onde, demais com o nosso feitio, a casinha própria iria influir na unidade do lar, entre esposos e entre pais e filhos.

Tudo, pois leva o Governo àquela sua declaração, e nós o apoiamos, contra os que porventura ainda gostariam dos falanstérios à imitação servil do alheio.

*

Em Santo António do Zaire, junto do monumento do descobrimento e posse de Angola, onde depôs um coroa de bronze, dedicada a Diogo Cão e seus companheiros, o venerando Chefe do Estado, com a certeza de que pela sua bôca falavam os vivos e os mortos, o passado e o presente de Portugal inteiro, ali, naquele sagrado lugar, declarou, perante Deus e os homens, que a *unidade de Portugal de aquém e além-mar era indestrutível e eterna*, e que Portugal continuaria a trilhar as sendas da sua vocação apostólica de povo civilizador, as quais outrora trilhou, quando ao Mundo deu mundos novos, para o Fé de Cristo.

As poucas palavras do sr. Presidente da República, mas nobres e belas, não podiam dizer melhor do sentido de universalidade cristã, do conceito do Império da politica imperial do Estado Novo, de harmonia com a verdade histórica dêsse conceito, desde os gloriosos tempos das nossas Descobertas.

Sem a sonoridade troante dos que ameaçam o Mundo, com a força bélica, ou com a presumida superioridade de raça, Carmona também falou para o Mundo que porventura nos cobice o património colonial, afirmando-lhe, como um imperativo de independência que tem séculos e não se forjou nas combinações calculistas das chancelarias,—a *unidade indestrutível* de Portugal inteiro, na metrópole e nas colónias, à fé de herdeiros que guardam ciosamente a herança dos seus Maiores.

A. da F.

Exposições

No Largo da Calçada, na antiga vitrine dos Armazens S. Tiago, Ld.ª, desta cidade, tem estado em exposição diverso material de bombeiros que tem sido muito apreciado.

Êsse material pertence aos Voluntários desta cidade e, a maior parte, foi construído na própria Associação.

BARCELENSES:

AUXILIAI A CONFÉ
RÊNCIA DE S. VICENTE
DE PAULO (HOMENS).

TESTEMUNHO INSUSPEITO

Um antigo operário comunista, Yvon, publicou há pouco um livro, «A U. R. S. S. tal qual é», obra muito bem documentada sobre a situação actual da experiência bolchevista russa. O autor, que passou onze anos na Rússia, descreve pormenorizadamente o que é a vida do cidadão soviético, vinte anos depois da revolução. Pode-se afirmar que o seu depoimento é profundamente instrutivo. Assim também o entendeu André Gide, o notável escritor francês que, depois de se ter declarado comunista, teve a coragem de escrever um libelo tremendo contra o que viu na U. R. S. S., onde fôra como «convivido de honra». De facto, Gide pres-entou-se a escrever o prefácio do livro de Yvon. Nesse trabalho encontra-se a seguinte afirmação que, por ser de quem é, vale ouro:

«É preciso ver as coisas como elas são—escreve Gide. O povo é hoje mais infeliz, na U. R. S. S., do que nunca o foi, mais infeliz e menos livre do que em qualquer outro país».

A VIAGEM PRESIDENCIAL

De regresso à metrópole da sua viagem triunfal a parte do Império Português, devia ter embarcado ontem da província de Angola, o venerando Chefe do Estado, Sua Excelência o sr. General Carmona.

O sr. Presidente da República que em tôdas as terras visitadas tem sido recebido com as maiores demonstrações de regosijo, continua a gozar a melhor saúde.

Na sua viagem de regresso, visitará o arquipélago dos Açores.

A QUEM COMPETIR

Chamamos a atenção das dignas autoridades para as imundices que certos individuos fazem, aproveitando naturalmente a escuridão, na viela que liga as ruas D. Antonio Barroso e Barjona de Freitas, junto ao estabelecimento do nosso amigo sr. Francisco Aguiar.

Segundo este sr. nem lavando todos os dias as portas e as calçadas do seu estabelecimento consegue extinguir por completo o cheiro nauseabundo provocado por tais imundices.

Seria bom que os guardas-nocturnos depois de recolhidos os agentes da P. S. P. tivessem autoridade para multar tais porcalhões.

E seria também conveniente que a repressão a êsses actos fôsse mais intensa porque, em pleno dia e nos largos mais importantes da cidade, nós verificamos isso a todo o momento.

Concentração Nacional

Em Fátima, no passado dia 13, fizeram a sua 1.ª Concentração Nacional as Juventudes Operárias Católicas.

As cerimónias, presenciadas por alguns milhares de jocistas de todo o País, fôram presididas por Sua Eminência o sr. Cardial Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

De Barcelos, para assistir a essa concentração, partiu uma caminheta com jocistas na madrugada de sexta-feira e regressou no domingo á noite.

DR. MIGUEL FONSECA

Ultimamente, tem obtido algumas melhoras, o que registamos com gosto, o nosso estimado amigo sr. Dr. Miguel Fonseca, distinto director clínico do nosso Hospital.

A GUERRA VISTA E VIVIDA

O sonho (A alguém...)

João Manuel veio para a guerra atraído, como muitos, pela aventura, pelo desconhecido. Não veio, devemos dizê-lo, puramente por idealismo. Era católico e nacionalista, é verdade, mas não tão profundamente que sentisse a obrigação absoluta de expôr-se a morrer, defendendo uma causa fora da sua Pátria. Era céptico, João Manuel. Os profundos e sucessivos desgostos que tivera durante a sua curta juventude, obrigaram-no a fazer dos homens e das coisas um conceito bastante pessimista.

Quando estalou esta Guerra Santa que tem martirizado a Espanha, alistou-se nas forças de Franco. Sentiu o desejo, o desejo irresistível de conhecer a Legião Estrangeira, essa força de choque com um espírito combativo que é o assombro do mundo inteiro. Tinha ouvido dizer muitas vezes que na vida de cada legionário havia uma tragédia emocionante. «E que era a sua vida ser não uma tragédia amassada com lágrimas de Sangue? Seria, pois, mais uma vida desfeita pelos vendavais da desventura a juntar a tantas outras vidas gémeas da sua na desgraça...»

Muitas vezes, à chegada do correio, sentia uma tristeza imensa por não receber uma carta amiga que o distraísse, que o confortasse nas horas monótonas dos bivaques ou nos momentos incertos da trincheira. Que inveja sentia ao ver muitos companheiros, lendo sôfregamente as cartas que recebiam das famílias, das madrinhas...

Muitas vezes esteve tentado a escrever para qualquer jornal, pedindo uma madrinha de guerra, mas tinha receio de o fazer. Sentimental como era, tinha medo de apaixonar-se pela futura madrinha.

E assim viveu muito tempo com alternativas de desejo e de medo de ter uma madrinha. Mas um dia... leu uma carta que lhe mostrou um amigo. Era uma madrinha de guerra quem escrevia.

Aquelas palavras tão cheias de entusiasmo e de fé que ela escrevia ao afilhado, decidiram-no. E pouco tempo depois a madrinha veio na forma duma carta adorável.

Acompanhava-a, para cúmulo da felicidade, a fotografia da madrinha—uma morena perigosamente linda...

Quiz escrever-lhe logo, mas estava tão excitado que não foi capaz de terminar nenhuma das dez cartas que principiou.

Fitava a fotografia, lia a carta, principiou a escrever a resposta... e não terminava...

—Já terminaste a carta, perguntou-lhe o amigo?

—Ainda não! E creio que não posso terminá-la!

—Porquê?

—Homem! Uma mulher assim não deve ter um afilhado como eu!

Não sou digno dela!

—E's o mesmo idiota de sempre!

Desde então nunca mais lhe faltou uma carta amiga da madrinha. Uma vez que outra, pequenos embrulhos contendo tabaco ou doces chegavam às suas mãos enviados pela madrinha.

Cada vez as palavras eram mais carinhosas. E êle, nas suas cartas, fazia-lhe alusões amorosas que a idolatrada Madrinha—como êle a tratava—prudentemente não queria compreender.

Mas um dia deu-se o que êle tanto temia:

Reconheceu que amava aquela mulher que apenas conhecia através dumas cartas adoráveis e duma fotografia que podia ser uma desilusão... por culpa do fotógrafo... E num impeto de ciúme perguntou-lhe numa carta: «Quero que me digas se tens mais algum afilhado. Seria, para mim, um grande martírio saber que outro homem—outro combatente—comparte também do seu afecto.

Tenho planeado tantas coisas, para depois da guerra, escrevia...

Ela, compreendendo-o, teve uma mentira, uma santa mentira!

«Não tenho mais afilhado nenhum. O meu afilhado, o meu unico afilhado, és tu».

Que alegião!

Dizia a todos com um orgulho quasi ridículo:

—Tenho uma madrinha só minha!

—Casarás com ela, quando termine a guerra? perguntaram-lhe.

—Quem sabe? Não é impossível! E viver com esta doce ilusão, muitos mezes. Certa tarde quente de verão estava a tomar cerveja num bar da campanha e alguém falava das madrinhas de guerra. Era o seu assunto predilecto. Acercou-se dos vizinhos, dois alferes ainda jovens, que discutiam entre si, porque um deles tinha duas madrinhas, uma das quais era também madrinha do outro, um rapazito franzino, uns óculos de aro de tartaruga acavalados no nariz aquilino—um tipo de seminarista.

—Olhe, meu alferes, interveio João Manuel, dirigindo-se ao «caixa de óculos», como era conhecido o alferes na companhia:

Uma madrinha deve ter um só afilhado, assim como um afilhado deve ter uma só madrinha.

—Assim o compreendo eu, respondeu o alferes.

—Eu, por exemplo, tenho uma madrinha que não tem outro afilhado. E' portuguesa.

—De que parte?, perguntou, muito interessado o alferes que tinha roubado a madrinha ao amigo—do Pôrto.

—Do Pôrto? Você tem alguma fotografia dela, que me queira mostrar?

Pode ser que eu a conheça, porque,

a-pezar-de ser espanhol, conheço muita gente no Pôrto e tenho também aí uma madrinha.

João Manuel, por única resposta, abriu a carteira e tirou de lá uma fotografia envolta num papelito cor de rosa e entregou-o ao alferes muito vaidoso:

—E' só minha! Quando o alferes fitou a fotografia, abriu desmesuradamente os olhos e, saltando na cadeira, deu um murro formidável na mesa:

—Com um milhão de raios! Será possível? Também esta? Se esta é minha madrinha! E ante a incredulidade de João Manuel mostrou-lhe uma fotografia igual à que possuía.

O pobre rapaz pôs-se muito pálido. Uma grande tristeza apoderou-se d'êle.

Levantou se da mesa, recusando-se explicar aquela história ao alferes. Êste, chamou o «camarero»:—uma botelha de conhaç!

Tinha por divisa aquêle adágio:—«Tristezas não pagavam dívidas!...» E já com uns fumos de álcool no cérebro escreveu àquela portuguesita—a quarta madrinha—uma carta mais apaixonada que nunca... João não pensava assim. Passados três dias, após ter ocorrido esta cena, era tripulante dum carro de assalto. Os chefes ganharam-lhe uma grande afeição, porque êle era valente até à temeridade.

Para tôdas as missões, ainda as mais perigosas, oferecia-se êle voluntariamente. Um dia assaltou um pôsto avançado inimigo, esmagou sob o seu tanque os sete homens que defendiam a pequena posição, regressou ao ponto de partida, lentamente, indiferente às granadas que explodiam em volta do carro. O capitão quiz propôr-lo para uma recompensa.—Não quero meu capitão! Cumpri o meu dever. Outro qualquer faria o mesmo. O capitão calou-se admirado.

Os companheiros, depois de o verem sair incólme de tantos perigos, diziam muitas vezes.

—Êste é involuciável! Não há bala que o mate!

Uma tarde, ante o fogo intenso da artilharia inimiga, foi necessário fazer uma exploração no campo, pois temia-se um forte ataque.

—Sai tu!, ordenou o capitão em voz sêca e algo nervoso. O homem a quem êle deu a ordem pôs-se intensamente pálido e ia apresentar uma desculpa, quando João Manuel se adeantou:—A's suas ordens, meu capitão! Eu ofereço-me voluntário para fazer a exploração.

E sem esperar resposta fechou-se dentro do carro e, pouco depois, desapareceu com o tanque entre o fumo das explosões das granadas. Percorreu todo o terreno, rebuscando minuciosamente, sem ver nada. Depois de meia hora de exploração regressou lentamente, como sempre. As granadas caíam por todos os lados, levantando ondas de terra e metralha ignia. Já à vista dos companheiros, uma granada bateu na parte trazeira do tanque onde estava instalado o depósito da gazolina, incendiando-o. João Manuel teve tempo para salvar-se, mas não quiz. Morreu carbonizado nas entranhas do mastidante de aço, desaparecendo com êle o amor que tanto temeu. Compreendeu que lhe era impossível conquistar o amor daquela mulher tão superior a êle. Tudo fôra um sonho que o fogo reduziu a cinzas...

Abril, de 1938.

A. Pereira Batista

Legionário

Agressão — Morte

Na 2.ª feira pelas tres horas da madrugada faleceu no Hospital da Misericórdia desta cidade Antonio Martins, solteiro, jornalista, de 44 anos, natural e residente na freguezia de São Romão da Ucha, por lhe ter disparado um tiro Manuel Pereira de Macedo da mesma freguezia, que lhe perfurou o estomago e intestinos, como foi verificado pela autopsia ordenada pelo Tribunal. O criminoso foi entregue a Juizo recolhendo á Cadeia.

Em Balugães

Domingo e segunda-feira, com a costumada concorrência dos anos anteriores, realizaram-se em Balugães, os festejos tradicionais em honra de N.ª S.ª da Aparecida.

NASCIMENTO

A esposa do nosso amigo sr. Francisco Antonio de Faria, solicitador desta comarca, apresentou-o com um interessante menino.

—Parabens.

DAVID MARTINS DE LIMA

Um verdadeiro heroi

David Martins de Lima, filho de Miguel Martins Pito e de Tereza Moreira de Lima, nasceu em Vila Cova, a 10 de Novembro de 1884. Se fôsse vivo, tinha hoje cinquenta e três anos.

Assentou praça voluntariamente. Era um valente, um destemido, um abnegado, um patriota dos de melhor timbre, a transbordar de brio militar. Foi um dos melhores soldados de Mousinho na campanha dos Cuamatos.

Dia a dia, simples soldado, tomou as suas notas. Devem ler-se. Particularmente as devem ler, em meu juízo, os homens da nossa terra, apaixonados pela vida militar. Edifica e faz aumentar a veneração pelos que, pela Pátria, tanto sofreram e tanto fizeram. E gritam-nos a obrigação que temos de amar e defender até o último e longínquo palmo de terra portuguesa.

Escreveu «A Campanha dos Cuamatos», composta e impressa na tipografia do Anuário Comercial, Rua do Ouro—132 a 138—Lisboa.

Não podia ter sido um homem de grande cultura. Mas, em todos os feitos descritos da heroica campanha, em que tomou parte, não se lê nem uma palavra de jactancia própria; mas nunca falta uma palavra de elogio aos seus oficiais e uma frase de ternura para com os caíram pela Pátria! Em 17 de Maio de 1908 era soldado com graduação e honras de Alferes do Batalhão n.º 2 de Caçadores da Rainha e cavaleiro de Torre e Espada.

Em Dezembro de 1909, era 1.º cabo, segundo leio numa cinta do «Barcelos—Revista» e num postal dirigido para o Quartel da Cova da Moura.

Em catorze de Agosto de 1910, a mesma revista o dá como seu colaborador.

E numa fotografia do valente Roçadas le-se: «Como prova e testemunho da minha admiração pela bravura e abnegação do nosso soldado, ofereço a David Martins de Lima.

O comandante da coluna José Augusto Roçadas. 18-3-90».

A 24 de Agosto de 1911, tendo recebido os sacramentos, faleceu, em Vila Cova, nos braços duma pobre mulher—sua mãe.

Foi vitimado pela tuberculose que adquiriu ao serviço da Pátria. E sua mãe, Tereza Moreira de Lima de setenta e sete anos é «pobre-miserável», como pobre e muito é uma filha que moureja quanto pode e com ela vive. É no dia 24 do corrente o vigéssimo sétimo aniversário da sua morte. Foi sepultado em campa rasa, misturando-se hoje as suas cinzas com a dos outros humildes filhos desta terra. Ignorando no respectivo quartel o dia da sua morte, não se lhe prestaram quaisquer honras militares no seu funeral.

Alguem falou na conveniência de se prestar homenagem e perpetuar a memória deste valente português e ilustre filho de Vila Cova. Tudo que seja exaltar a figura dum soldado como David Martins de Lima nos parece justo. Ele não é só de Vila Cova; é de Barcelos, é de Portugal.

Bem sei que nasceu num humilde berço e morreu num catre não menos humilde dum pobríssimo casebre duma ignorada aldeia...

Mas foi um soldado raso que mereceu a Torre e Espada!

Não me parece, porém, justo que se preste homenagem ao filho, por mais modesta que seja, e se deixe a morrer de miséria a mãe do homenageado.

Uns escudos que lhe garantissem pão e um caldo seriam a homenagem que o filho mais agradecerá, se lhe fora dado falar.

Homenagem ao filho e deixar mor-

DUAS MEDIDAS

Há dias um jornalista francês, a propósito da recente agressão soviética contra a fronteira nipo-manchu, com justiceira ironia, comentava as reacções havidas na chamada «grande imprensa». As suas observações merecem divulgação, porque põem mais uma vez em relêvo a hipocrisia da tropa fandanga bolchevista e bolchevizante.

Começara o referido jornalista por fazer notar que a imprensa anti-fascista inventou um critério, que pretendia infalível, para estabelecer a distinção entre os países fascistas, as ditaduras do proletariado e as grandes democracias. Esse critério pode resumir-se assim:

Como as grandes democracias e as ditaduras do proletariado são «pacíficas» por essência, nunca fazem guerras «de agressão»; se umas e outras mantem numerosos exércitos e possuem enorme material bélico, é unicamente com fins defensivos. Os fascistas, esses, fazem a guerra por dá cá aquela palha, ao mínimo pretexto, sem se darem sequer ao trabalho de a declarar previamente. E assim, quando o Japão invadiu a China, a tal imprensa classificou-o imediatamente como «país fascista», embora o Império nipónico possuía uma constituição parlamentar, como a França ou os Estados Unidos.

Muito bem. Mas há duas semanas, a U. R. S. S., a grande União Soviética proletária, protectora da paz, das artes, da cultura e do paraquedismo, porta-se como um vulgar estado fascista. Sem a menor declaração oficial de hostilidades, nem sequer de beligerância, envia aviões para cima do território japonês que começam a bombardear povoações». Tudo muda, como por encanto. Que fazem os «pacifistas profissionais»? Vêmo-los bater no peito, dizendo: «Enganamo-nos. Estaline foi também atacado da funesta psicose nacionalista»? Vêmo-los, à falta de atitudes mais vigorosas, redigir por intermédio da Liga dos Direitos do Homem um manifesto censurando a agressão soviética?

Os leitores sabem quais as respostas que devem dar a estas perguntas. Os pacifistas intransigentes transformaram-se bruscamente em belicistas assanhados e, em vez de condenarem solene e indignadamente a «insólita» atitude dos russos, desataram a justificar e a incitar a «guerra marxista» dever sagrado das democracias, etc. etc. Mais uma vez—porque não é esta a primeira—a imprensa anti-fascista desmascarou-se, pondo a nu os seus verdadeiros sentimentos. Quem fôr atrás do seu choro tem agora menos desculpa do que nunca.

BATALHA DE ALJUBARROTA

No passado domingo, passou mais um aniversário da batalha de Aljubarrota.

Para solenizar data tão gloriosa, realizaram-se em vários pontos do país, diversas cerimónias.

Nos campos de batalha, em Aljubarrota, desfilarão em conjunto forças do Exército, Legião e Mocidade Portuguesa.

No Porto, houve uma concentração de legionários na nave central do Palácio de Cristal.

Em Lisboa, entre outras cerimónias, a Emissora Nacional efectuou o formidável espectáculo que demos noticia no pretérito número e a que assistiram para cima de 20.000 pessoas.

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—a sr.ª D. Maria José Cardoso Maíques Senti.

Amanhã—o sr. Mário Viana de Queiroz.

Sábado—a sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro Pereira de Azevedo Fonseca.

Dia 23—a menina Maria Guilhermina Leite de Abreu Novais Correia Malheiro.

Dia 24—as senhoras D. Ester Alcáçada e D. Maria José Pereira Esteves.

rer de miséria a mãe... não me parece bem. Ainda vivem, e alguns em posição de destaque, vários dos seus companheiros da pèna no «Barcelos-Revista» Ouso recomendar-lhes este caso.

Estamos numa época de justiça? Consigam-na para a pobre velha, que até hoje ninguém teve por si.

E, se não, é melhor não falar no filho heroi...

10-8-1938

R. N.

Uma invocação oportuna

O Snr. Litvinoff, ex-salteador de bancos, actual ministro dos negócios estrangeiros dos soviéticos, é recebido em certas côrtes europeias, campeia em Genebra, é enfim tratado como homem de bem e representante dum governo de gente honesta.

Pois bem: é talvez oportuno recordar um documento famoso: o livro Branco inglês sobre o bolchevismo, impresso em 1919. Os anos que passarão por cima dessa publicação, que foi apresentada ao Parlamento britânico, a convite do próprio Rei, em nada deminuem o seu valor.

E que assim é avalia-se facilmente por estes dois telegramas enviados por Sir Findlay ao então ministro dos Estrangeiros inglês, Balfour:

«Tive várias entrevistas em Moscov com Tchitcherine e Karakan. O Governo Soviético não passa de uma organização de malfeitores. O prejuizo que resultou de semelhante estado de coisas é tal que julgo meu dever chamar a atenção do Governo britânico e de todos os outros governos para a seguinte questão, da mais alta importância: Não será urgente pôr fim ao bolchevismo na Rússia, que ameaça a civilização do mundo inteiro? Creio que é da maior importância para o mundo esmagar completamente o bolchevismo. Se se quiserem evitar os prejuizos de que falei mais acima, um único processo há a considerar: uma acção comum, empreendida por todas as nações...»

Agora o segundo telegrama:

«Estou absolutamente convencido de que nada há a ganhar em continuar as negociações com os bolchevistas. De dia para dia dão provas da mais completa ausência de escrúpulos. Negociar com eles é collocarmo-nos na impossibilidade de os punir pelos seus inumeráveis crimes e de libertar o mundo da sua nefasta influência. Uma só atitude se pode conciliar com a dignidade: considerar estes perigosos indivíduos como verdadeiros párias, e tratá-los como tais».

Sir Findlay mostrou absoluta clareza. Assistindo à primeira explosão comunista, o diplomata inglês viu o perigo, sentiu que, se o foco de infecção não fôsse imediatamente dominado, o terrível virus se estenderia ao mundo inteiro. Estes telegramas ressaltam assim toda a sua responsabilidade. Se os seus conselhos tivessem sido seguidos, a Humanidade teria realizado, em vidas, misérias e opróbrios, uma economia gigantesca.

Visita ao navio-escola grego «Arés»

Em honra da oficialidade grega do navio-escola «Arés» que se deslocou a Lisboa em visita oficial, o snr. Presidente do Conselho, ofereceu um banquete no Paço de Sintra.

O banquete que foi presidido pelo snr. dr. Oliveira Salazar, serviu para um maior estreitamento de relações do Portugal Novo com a Grécia Nova.

No seu brinde, o snr. dr. Oliveira Salazar, não deixou de pôr em destaque o significado da visita oficial do navio-escola grego, na altura em que Portugal negocia com a Grécia um novo tratado de comércio.

Gil Vicente F. C.

A sêde deste valoroso agrupamento desportivo, mudou da rua D. António Barroso, para a rua Barjona de Freitas.

EXAMES

Recolhimento-Asilo do Menino Deus

Internadas aprovadas nos exames da 4.ª classe:—Maria do Carmo Baptista P. da Costa, distinta; Maria da Graça Rodrigues, Maria Julia Breia de Matos, Maria Alice Gomes Moreira, Maria Isolete Simões. Maria José Barbosa, Maria Rosa Meireles Coelho.

Exames da 3.ª classe:—Justina Rodrigues, Maria da Paz Ferreira, Maria da Graça Rodrigues, Maria Armanda M. Faria Gaio, Alzira dos Prazeres Faria, Gracinda Rodrigues, Laurinda da Costa Alves, Antonieta Correia.

Alunas do Colegio de Sant'Ana aprovadas nos exames de admissão ao Liceu:

Helena Augusta Falcão, Maria Alda Ivars Neiva, Maria Bartolomina da Fonseca Evangelista, Maria do Céu Paula Gonçalves, Maria Eugénia Brito de Almeida, Maria Eugénia Martins de Pinho, Maria Fernanda de Faria Leite, Maria José Terra de Araújo, José Vasconcelos Pinheiro.

Jorge Maciel Barreto de Faria

Foi aprovado com a classificação, de quinze valores no 6.º ano de ciências o inteligente estudante Jorge Maciel Barreto de Faria, filho do nosso amigo sr. Antero Faria, distinto farmacêutico químico desta cidade. Os nossos parabéns.

Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias dos srs. Antero de Faria no Largo Martins Lima e José Alves de Faria em Barcelinhos.

PAGINA DO CONCELHO

Igreja Nova, 15

O último número do «Noticias de Barcelos» apresentou-nos na primeira página, a fotografia do seu novo Director, o Ex.^{mo} Senhor Dr. Matos Graça.

Foi com imenso regosijo que li esta noticia e, como assinante que sou, do «Noticias», felicito-o por ter a honra de ver á sua frente o Senhor Doutor Matos Graça, podendo doravante dispor deste humilde camponês para tudo que seja para o seu engrandecimento e para bem da nossa terra, que é o lema do seu Ilustre Director.

—Realizou-se no passado domingo, dia 14, a festividade em honra de S. Lourenço na vizinha freguesia de Alheira, indo daqui abrilhantar essas festas as juventudes masculina e feminina e a Cruzada Eucarística. E' assim que devemos realizar as nossas festas.

A romaria de S. Lourenço que em tempos foi nada mais que um ajuntamento para saciar ódios, é hoje uma das mais religiosas e bem organisadas festas do nosso concelho. Parabens ao reverendo paroco sr. Padre Vilela da Mota, e tambem ao regedor daquela freguesia, sr. José Clemente Barbosa, pelo incansável cuidado que teve para que não houvesse uma nota discordante. Assim aconteceu.—C.

Mariz, 16

Já aqui se encontra na sua Casa da Coutada com sua esposa e filhos, a passar a costumada temporada de verão, o nosso estimado amigo sr. Manoel Marinho, dessa cidade. Apoz alguns dias da sua chegada a esta freguesia os moradores do lugar da Coutada, juntamente com alguns dos melhores proprietarios da freguesia, num gesto de admiração por aquele nosso amigo, surpreenderam-no, apresentando-se naquele lugar a reparar o cami-

nho que mais acesso dá para sua casa.

O sr. Manoel Marinho no final dos trabalhos feitos reuniu em sua casa todos quanto contribuíram naquele melhoramento para lhes agradecer a surpresa, oferecendo-lhes um *beberête* que todos, tambem, nas pessoas dos srs. Presidente da Junta e Regedor, agradeceram.

—No posto de ensino desta freguesia, em que é inteligente regente o nosso amigo sr. Armindo Costa, tiveram passagem de diversas classes 11 alunos.

—Faleceu nesta freguesia, tendo-se realizado o seu funeral domingo, uma filhinha do nosso amigo sr. José Eiras Pêna, que tinha a idade de 8 meses.

—Tambem faleceu nesta freguesia, com a idade de 1 ano, uma netinha do nosso amigo sr. Manoel José dos Santos, filha do sr. José Joaquim de Lima, de Pêrelhal.

O seu funeral realizou-se ontem.

—Graças ao subsidio da Câmara e concurso das dignas autoridades locais, já estão concluídas as obras de reparação do fontenário e lavadouro público desta freguesia, que ficaram boas.

—Na proxima 5.ª-feira, 18 do corrente, festeja as suas «bôdas de ouro» o nosso prezado amigo sr. Manoel José Cardoso, estimado proprietario desta freguesia e vogal da Junta. Por tal motivo, apresentamos-lhe os nossos sinceros parabens cheios de felicidades.

—Passa no mesmo dia o seu aniversario natalicio a menina Emilia Soares Cardoso. Parabens tambem.—C.

Fragôso, 16

Cumprimentamos o novo e ilustre Director do «Noticias de Barcelos» desejando-lhe muitas prosperidades e ao semanário que vai dirigir.

—Na semana passada faleceu em Viana do Castelo a sr.^a D. Maria Espregueira e Oliveira. A tôda a sua ex.^{ma} familia os nossos sentidos pêsames.

—Por motivo de doença encontra-

-se retido há semanas na sua casa da mesma cidade o ex.^{mo} sr. Bernardo de Espregueira. Sabemos porém que está quasi bom, o que muito estimamos.

—Para a linda praia de S. Bartolomeu partiram o sr. Fernando Amorim e ex.^{ma} familia e o sr. P.^e Joaquim Félix Machado.

—Faleceu a sr.^a Albertina de Jesus Souto, esposa do sr. Domingos Ramos.

—Na vizinha frêguesia de Aldreu faleceu, a 13, a sr.^a D. Laura Queiroz, irmã dos srs. Dr. Aurélio Queiroz e farmacêutico António Queiroz. A's familias em luto os nossos pêsames.

—Devem principiar brevemente as obras de um lavadouro e um fontenário no lugar da Igreja, graças ao subsidio da Câmara. Os desenhos, feitos pelo distinto engenheiro sr. Bernardo Espregueira, agradam perfeitamente.

—Ficaram aprovados: no 3.º ano do liceu o sr. Aníbal Queiroz e no 2.º ano da Escola Industrial o sr. João Rodrigues de Oliveira.

Tambem foram aprovados no exame de 4.ª classe bastantes alunos da escola desta frêguesia. Parabens ao sr. Professor.—C.

Areias S. Vicente, 6

Estamos em um tempo que, embora seja muito mau para a lavoura, é delicioso para a *élite* deixar cidades e vilas, e dirigir-se ou para as praias, ou para as suas propriedades rústicas.

Enquanto a praia já há quem faça selecção, assim como em termas, e daí o dar-se preferéncia a uma ou a outra.

Há tambem quem deteste a praia e então vai até á beira rio, pois dizem que estando na aldeia, nas suas casas de campo, tambem pode tomar o seu banhozinho. O que é certo é que com estas filosofias vão-se juntando familias e já a êsses locais lhe vão chamando praias fluviais. E' ver o que se deu em Santo Tirso, Soutelo e Prado! 2 ou 3 barracas e agora já há concorréncia. E assim se vão travando selecções familiares em tardes amenas e ao mesmo tempo vão-se refrescando os cõrpinhos. Vem isto a propósito de a mocidade desta frêguesia tambem querer dar inicio a uma praia fluvial no local da Alurada, marginal do Cávado. Não resta dúvida que o local é pitoresco, e o areal presta-se. O caso é que esta futura praia é muito diferente das outras pois é só aos domingos e dias festivos. Eliminam os banhos e o repouso, e saltá em cena a dança acompanhada de viola, violão ou cavaquinho; de vez em quando ouve-se a cantarolada um tanto ambígua e saborizante. Em lugar de retemperar as forças depauperadas pelos trabalhos semanais aceleram velozmente a vida. Lá não falta o namôro descarado mas com todo o agrado e beneplácito das mãesinhas que tôdas se lambem por suas filhas conversarem, quer de noite quer de dia, pois êles dizem ufaneiras que nos seus tempos não eram melhores. Já veem que é uma praia *sui generis*, e quem me diz com aspirações a ser o modelo doutras em frêguesias circunvizinhas? Nesta frêguesia não falta nada pois agora fica como um ovo.

Praia de namôros, futebol, dança, jôgo da malha a vinho, jôgo da suca a vinho tambem ou a cigarros, etc.. E' um nunca acabar de *belos e atraentes divertimentos*.

Mas qual será o fim que se tem em vista com tudo isto? Apagar das almas da mocidade de ambos os sexos o sentimento religioso. Retirá-los da igreja centro salutar e benéfico da frêguesia onde todos teem muito que aproveitar e aprender.

Êste palavriado não lhes serve nem tam pouco lhes dá máça. Temos portanto de lhe aplicar o respectivo antidoto? Qual é? E' ver se os iniciadores desta praia fluvial consegue que lá haja tambem banhos de chuveiro, pois

isto cheira a cérebros tresloucados e ao mesmo tempo esquentados. Querem outra prova olhem para esta *formosissima* quadra que as *mininas* cantam aos seus mais qui tu:

Meu amôr anda-me ver
Mesmo junto à minha vinha;
Meu pai não está em casa
Minha mãe não advinha.

Não é digna dos tais banhinhos de chuveiro? Ou se os não querem então comprem *rouge* para deitar nas faces para encobrir a vergonha pois quem assim procede deve ter muita. Achamos que são espectáculos de demais tanto para nós como para visinhos.

—Regressaram dos seus trabalhos escolares, com bom aproveitamento, os académicos Francisco Emilio Fernandes Soutelo e Joaquim Serafim Coelho.

—Na companhia de filhos e filhas encontra-se entre nós a sr.^a D. Emilia de Macedo.

—Do Rio de Janeiro regressou a esta frêguesia com seus filhos Júlia Correixas.

—Fizeram anos: a 5 D. Maria Pereira de Souza e Vitorino Machado; a 6 Tereza de Jesus Caseiro; a 9 Manuel Fernandes Torres, Maria Gonçalves e Emilia Gonçalves Ferreira; a 11 D. Balbina de Assunção Pereira de Souza, Virgínia de Macedo Rodrigues.—C.

Minhotães, 15

Ontem realizou-se a festa de N.^a S.^a das Neves, sendo orador um dos Rev.^{os} P.^{es} Capuchinhos dessa cidade.

Na vespera houve reunião de sacerdotes para as confissões dos irmãos, sendo muito concorridas.

No fim houve officio pelos irmãos falecidos.

Cumpriram se deste modo as obrigações estatutárias da respectiva confraria, cuja instituição data do século XV. Foram admitidos alguns novos irmãos.

—Deve principiar em breve a obra de calcetamento do caminho das Almas para a qual foi concedido subsidio pela Ex.^{ma} Câmara.

Outros caminhos há de grande trânsito e em comunicação com a igreja paroquial que estão reclamando tambem urgente reparação, para qual a junta da freguesia pediu subsidio para o futuro ano.

Oxalá seja concedido.

Situada num dos extremos do concelho, confinando com freguesias do concelho de Famalicão, desde a construção da estrada municipal, há uns 50 anos, que Minhotães não recebia das entidades superiores qualquer auxilio. Só agora com o Estado Novo começou a ser beneficiada.

—Ultimamente realizou-se nesta paroquial o casamento de Laurinda Macedo Costa, filha de Manuel Ferreira da Costa e Margarida de Macedo, com Joaquim Ferreira Carneiro, natural das Carvalhas, onde os noivos fixaram residência.

—Está restabelecido da grave doença, que por algumas semanas o prendeu ao leito, o sr. Camilo Ferreira Novais (Ermida), tencionando recomeçar brevemente a sua actividade de negociante de gado.—C.

CASA

Vende-se própria para negócio na estrada do Eirogo. Falar nesta redacção.

Camionete a Fátima

Nos dias 12 e 13 de Outubro. Falar no Bazar de S. José.

Lima
Cidra
Guarana
Laranjinha

BOM JESUS

Quatro deliciosos refrigerantes

Bom Jesus é a melhor
marca de refrigerantes

A pureza da sua água
e a
cuidadosa preparação,
dão ao consumidor a
garantia de que bebe
refrigerantes saudáveis
e bons.

Exijam sempre os refrigerantes
Bom Jesus.

DEPOSITÁRIOS
PAULA & MACIEL, L.^{da}
BARCELOS

A G. P. U. à solta em França

A G. P. U. não deixa os seus créditos por mãos alheias. No dia 12 de Julho passado, um militante da IV Internacional, Rodolfo Clement, de origem alemã e antigo secretário de Trotsky quando este esteve em Barbison, desapareceu.

Os seus correligionários afirmam alto e bom som que, como Inácio Reiss, o seu camarada foi raptado pelos agentes da G. P. U.. E dizem mais: afirmam possuir provas de que o golpe foi ordenado por Jacques Duclos, deputado comunista, vice-presidente da Câmara e chefe directo da G. P. U. em França.

Estas acusações explicam que a polícia francesa ainda não tivesse descoberto coisa alguma a respeito do caso. Não há motivo para admiração. E' ou não verdade que nunca se descobriu coisa alguma sobre o rapto do General Miller, sobre o roubo dos arquivos e a morte de Iedov, filho de Trotski, sobre o assassinio de Reiss, etc. etc.? De duas uma: ou a policia francesa não vale dois caracóis—o que não é verdade—ou a G. P. U. possui nas altas esferas dirigentes de Paris protectores eficazes, que lhe permitem estender ao território da França os crimes que pratica no território soviético. O leitor concluirá.

NOTICIAS DIVERSAS

Na Póvoa do Varzim, com sua familia, encontram-se os nossos amigos snrs.: João Carlos Coelho da Cruz, Mário Norton e 2.º sargento da G. N. R. Felisberto Maria Guedes da Conceição.

—Em Espinho, o sr. António Augusto de Almeida Azevedo e esposa.

—Na sua Quinta do Grilo, em Tammel S. Verissimo, com sua esposa e filhos, o nosso amigo sr. Humberto Carmona Coelho Gonçalves.

—Na praia da Apúlia, com sua esposa, o nosso amigo sr. D. Vicente Mahiques Senti, e o nosso editor sr. Anibal Beleza Ferraz.

—Na praia de Ancora e em gôso de licença, encontra-se a veranear, com sua esposa e filhinhas, o nosso amigo sr. José Pires Lavado.

—Tambem a veranear na praia da Apulia, com sua esposa, o sr. Dr. Viriato Luzitano Alves Ferreira.

—Em Vila Praia de Ancora, acompanhado de sua esposa e filhinha, o nosso amigo sr. Dr. Aires Duarte.

—Nas suas propriedades de Areias de Vilar, com sua esposa e filhos, o nosso amigo sr. Manuel Cardoso de Albuquerque.

—Na praia da Apúlia, com sua familia, o nosso assinante sr. Manoel Ferreira, da Lama.

Volta a Portugal

Como anunciamos, é hoje que passam nesta cidade os valorosos ciclistas que estão realizando a VII Volta a Portugal em bicicleta, organização dos importantes jornais da capital «Diário de Notícias» e «Os Sports».

A-pesar-do dia do mercado semanal prejudicar bastante a recepção que com toda a certeza estaria na mente de todos os desportistas locais, acreditamos que os desportistas da nossa cidade não deixarão de prestar merecida manifestação de aplauso a todos os corredores.

Os ciclistas percorreram já 1.714 quilómetros, faltando portanto 620.

Na etapa de hoje, no total de 179 quilómetros—Guimarães—Espinho, os corredores passam nesta cidade, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Porto e Gaia.

QUEM O DIZ É O SR. DELBOS...

Já hoje pouca gente se lembra de que em 1933 o Sr. Yvon Delbos, então vice-presidente da Câmara dos Deputados francesa, e depois ministro dos negócios estrangeiros dos governos da Frente Popular, publicou um livro intitulado «Experiência Vermelha», no qual descreveu as impressões colhidas durante uma viagem que fizera à U. R. S. S..

Na página 185 dessa obra pode ler-se o seguinte:

«Enfim, uma sala especial consagrada à futura revolução comunista espanhola, com números de jornais, «La Bandera Roja», «La Palabra», etc. retratos de bolchevistas castelhanos, cenas de greves e de insurreições. Donde se conclue que os soviets contam obter os seus primeiros êxitos de contágio do outro lado dos Pireneus...».

Pois bem: logo que começou a revolução nacionalista, o livro do ministro radical foi rigorosamente proibido pelo Governo francês. E de tal maneira foram cumpridas as suas ordens que é hoje absolutamente impossível encontrar um só volume nas livrarias francesas.

Hão-de concordar que este episódio é duplamente interessante e expressivo. Em primeiro lugar porque nos dá mais uma prova, e de fonte insuspeita, da larga preparação que os Sovietes tinham feito em Espanha, antes de Franco erguer o pendão da cruzada libertadora. Em segundo lugar, porque levanta uma ponta do véu de hipocrisias e mistificações com que os Governos franceses tem procurado encobrir a sua atitude em relação à questão espanhola...

Burlões

Várias pessoas tem apresentado queixas na Administração do Concelho contra várias pessoas tambem que pedem cordões e objectos de valor emprestados alegando que são para servir em procissões e depois os vão empenhar.

Ora como julgamos da maior importancia esta informação aqui a deixamos registada com vista principalmente aos incautos.

Hospital da Misericórdia

Movimento durante o mês de Julho:

Doentes hospitalizados. — Existiam em 30 de Junho, homens 15; mulheres 13. Entraram durante o mês de Julho, homens 23; mulheres 28. Falleceram, homens 1; mulheres 2. Saíram, homens 22; mulheres 23. Existem, homens 15; mulheres 16.

Doentes externos.—Curativos feitos no «Banco» 785; Injecções 168; Operações 21, sendo: curativos a homens 494, a mulheres 291; Injecções a homens 24, a mulheres 144; Operações 21.

Raio ultra-violetas. — Rapazes 10, raparigas 24.

EM BARCELINHOS

Aos domingos, no Largo da Ponte, têm-se realizado, com grande concorrência, interessantes divertimentos.

AUTOMOVEL 6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO

Largo José Novais
Telefone 8

OCIDENTE

Recebemos o n.º 4, desta esplêndida revista que se publica em Lisboa, respeitante ao mez de Agosto, com o seguinte sumário:

A. A. MENDES CORRÊA—*Portugal «ex-nihilos»!*...; AFRÂNIO PEIXOTO—*Julgamento de Juiz* (A-propósito de António Deniz da Cruz e Silva); MANUEL MÚRIAS—*O Homem e a História* (II); MARTA DE MESQUITA DA CÂMARA—*A primeira lição* (soneto); ÂNGELO CÉSAR—*Sonejo de Lisboa*; RIBEIRO COUTO—*Cantiga de embalar*; JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO—*Não era este o meu desejo...* (versos); CARLOS MALHEIRO DIAS—*A Ilusão* (conto); MANUEL CAMPOS PEREIRA—*Gêmeas* (romance); D. JOSÉ PESSANHA—*Acêrca da Sé de Lisboa*; JOAQUIM LOPES—*Marquês de Oliveira, grande Artista e Mestre de Pintores*; PEDRO VITORINO—*A Pintura Mural da Igreja de S. Francisco* (Pôrto); ALEXANDRE CINGRIA—*Roberto Colin* (brasileiro); WENCESLAU FERNANDES FLOREZ—*La Mujer en la Revolución* (conclusão); ÁLVARO PINTO—*Para a história da «Águia» e da «Renascença Portuguesa», com cartas de Cândido Guerreiro e Santiago Presado.*

CRÓNICAS—RODRIGUES CAVALHEIRO—*Sob a Invocação de Clio*; DIOGO DE MACEDO—*Notas de Arte*; CORRÊA MARQUES—*Panorama Internacional; Prêmios literários do Secretariado de Propaganda Nacional.*

BIBLIOGRAFIA—Notas críticas de *Alberto de Oliveira, Eugénio Navarro e A. do E. S.*; Obras registadas na Conservatória da Propriedade Intelectual, Livros recebidos por «Ocidentes».

FINS DE PÁGINA—De Oliveira Martins, Manuel Bernardes, D. Francisco Manuel de Melo e Souza Viterbo.

ILUSTRAÇÕES—Teixeira Gomes—*por Marques de Oliveira*; O Ramallete—*por Marques de Oliveira*; O fresco da Igreja de S. Francisco (Pôrto); Paisagem do Sertão—*por Roberto Colin* (brasileiro).

PÁGINA MUSICAL—Pequeno Prelúdio de *Luiz Freitas Branco.*

VINHETAS—De *Diogo de Macêdo*

Carreiras diárias de camionetes

Entre Ponte do Lima e Porto
NOVO HORARIO DESDE 1 DE MAIO
A 30 DE SETEMBRO

Localidades	Chegada	Paragem	Partida
Ponte do Lima			7,30
Correlhã	7,40		7,40
Balugães	8,10	5m	8,15
Barcelos	8,45	5m	8,50
Famalicao	9,30		9,30
Trofa	9,53		9,53
Porto	10,35		17,30
Trofa	18,12		18,12
Famalicao	18,35	5m	18,40
Barcelos	19,20		19,20
Balugães	19,50	5m	19,55
Correlhã	20,20		20,20
Ponte do Lima	20,30		

A partida de Freixo é às 8 e a chegada às 20,05

Escritório no Porto
Garagem «Comércio do Porto»

CAMIONETES PARA ALUGUER E EXCURSÕES

falar com

DOMINGOS DA CUNHA VILAS-BOAS
BALUGÃES

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia
Rua Dom António Barroso, 141
Telefone 28

A's Ex.ªs Autoridades

João Maciel Esteves, da freguesia de Galegos Santa Maria, concelho de Barcelos, pede às Ex.ªs Autoridades a captura do meu serviçal Alvaro Gomes Soares, 23 anos de idade, altura regular, magro, natural da freguesia de Lamas, concelho de Vila da Feira. Pede esta pretensão pelo caso de um roubo em avultada quantia em dinheiro, há dias realizado, por aquêle Alvaro.

Club Fluvial Barcelense «Vasco da Gama»—Barcelos

Tendo a Ex.ª Direcção deste Club, pedido a sua demissão, convoco, extraordinariamente, a reunião da Assembleia Geral desta colectividade, para o dia 26 do corrente, pelas 21 horas e meia, com a seguinte ordem da noite:

1.º) Apreciação do officio em que a Ex.ª Direcção pede a sua demissão.

2.º) Apreciação do officio que me foi dirigido por vários sócios.

3.º) Eleição da nova Direcção, que deve gerir os destinos do Club até 31 de Dezembro de 1938.

Caso á hora designada, não compareça numero suficiente de sócios para funcionamento da Assembleia Geral, a sua reunião terá logar meia hora depois, com qualquer numero de sócios.

Barcelos, 16 de Agosto de 1938.

O Presidente da A. Geral

José Adolfo Gomes

PINHEIROS

Ninguem venda sem consultar-me.

Arlindo Sá

Laundos—Povoa de Varzim

VENDA

Em Santa Maria do Abade, junto á estrada, vende-se uma casa e eirado que foi de Alberto Neiva.

Para tratar com o solicitador Corrêa.

CASA NETO

A casa que melhores vinhos tem e que mais barato fornece comidas

Rua Nova de S. José